

GENTE DA CIDADE



Burle Marx
jardineiro

Burle é o nome da família materna, gente de Pernambuco, de ascendência francesa e portuguesa; Marx é o pai, judeu alemão, nascido em Treves, onde nasceu outro Marx que até hoje dá o que falar. Parentes? Roberto me responde que seu pai costumava dizer que o avô dele era primo do famigerado Karl. Roberto veio à luz em 1909, em S. Paulo, na Avenida Paulista, na "Vila Fortunata", onde hoje parece que reside o escritor René Thiollier. (Oswald de Andrade passava por ali certa vez com um amigo, e ouviram gritos lancinantes vindo do interior da casa; o amigo ficou aflito, mas Oswald explicou: é o René Thiollier castigando o estilo).

Roberto tem cinco irmãos, entre os quais o maestro Walter. Aos quatro anos de idade veio para o Leme, onde vive até hoje. Vizinho da frente: Manuel Bandeira, com sua mãe e a irmã Maria Cândida. O poeta era fã dos desenhos do menino e sempre lhe dava papel para desenhar. Primeiras fortíssimas impressões do Rio: o mar, o cheiro do mar, a cor do mar, o tamanho do mar, o barulho do mar; e o pretos. Parece que nunca tinha visto pretos em S. Paulo, achou extraordinário haver pretos, e achava que todos os pretos tinham a mesma cara. Estudou em casa, depois no Colégio Rezende, e em 1927 entrou para a Escola de Belas Artes para estudar arquitetura; mas ficou doente dos olhos (até hoje não enxerga quase nada de um) e foi para a Alemanha, onde passou um ano e meio de grande excitação cultural, frequentando museus e concertos. Teve uma impressão extraordinária de uma retrospectiva de Van Gogh, também das óperas de Strauss dirigidas pelo próprio, ouviu Chaliapine no "Boris Goudonov", Toscanini com a orquestra do Scala, etc. Estuda canto (barítono) piano e pintura, hesita muito.

Volta ao Rio, entra para a Escola de Belas Artes em 1930, com Oscar Niemeyer, Hélio Uchôa, Milton Roberto. Por influência de Lúcio Costa não segue arquitetura, mas pintura. Será ainda Lúcio Costa quem o aconselhará a fazer jardins, lhe dará a primeira encomenda. Professores de pintura: Leo Putz, excelente; Celso Antônio, tirânico e péssimo; Portinari, com quem muito aprende (é seu auxiliar na pintura dos afrescos do Mi-



MORRO

Li há tempos, e guardei, mas não sei onde, o artigo de um higienista sobre os morros cariocas. Ele não chorava a miséria e o desconforto de nossos irmãos do morro; isso já foi muito chorado. Os homens daqui de baixo têm o coração duro e só se lembram de subir ao morro em vésperas de eleições; então prometem água gelada todos os dias e cerveja aos domingos. Depois preferem conhecer o morro através do samba. Mas não é apenas o samba que desce o morro — adverte o sanitarista. Descem também, para contaminar nossa água, nossa comida, nossas ruas e nossa vida, enxurradas de porcaria e de doenças.

Eis o tema de um filme de horrível mau gosto que ofereço ao meu amigo Alberto Cavalcanti: um filme que deveria ser exibido obrigatoriamente, por exemplo, nos cinemas de luxo da zona do Sul. Poderia começar com vistas pitorescas do morro, roupa na corda, mulatos tocando violão, negras subindo com latas de água na cabeça, etc. Mas depois entraria pelo interior dos barracos, documentaria a vida das crianças e iria até os lugares escusos. Então uma boa lente ampliadora teria de ajudar a câmera, e mesmo um microscópio entraria em cena. Depois veríamos, numa bela tarde de verão, as nuvens negras a galopar no céu, o vento virar, fazendo "ballets" de poeira e folhas secas. Depois ouviríamos a trovada, veríamos o relampago, e o temporal se abater. Então a câmera deveria mostrar como a enxurrada traz todo o lixo e todos os dejectos do morro para o asfalto. Veríamos também as infiltrações de água poluída. Veríamos a imunda lama se transformar em fil-

trações de água poluída. Veríamos a imunda lama se transformar em poeira, ao calor do querido sol de nossa terra, penetrar nos apartamentos de luxo e nos palacetes, etc.

Em resumo, o filme mostraria isto, por exemplo: Copacabana é o esgôto dos morros. Apenas uma parte das porcarias que descem vai sujar a praia; o resto fica mesmo nos quintais e nas ruas. No dia em que esse filme fosse feito, acredito que pelo menos uma classe dos problemas do morro — os sanitários — seria olhada com mais carinho. Pois ficaria claro que o problema não é apenas do morro; é de toda a cidade. Não podemos pretender uma vida limpa e sadia ao sopé de milhares de famílias doentes e sujas. O morro se vinga do desprezo da cidade cuspidando-lhe em cima, para usar uma expressão extremamente delicada.

O remédio, portanto, é higienizar os morros. É um bom negócio para nós. (E "um bom negócio" é uma expressão que comove mais facilmente os corações do asfalto que "uma boa ação"). Ou então podemos nos igualar, democraticamente, como está começando a acontecer com a crise de energia. Já imaginei a vida de um próspero casal de minhas relações que ocupa todo um 12.º andar junto à praia: se Deus nos der uma seca mais prolongada, seus empregados acabarão desertando. Os serviços urbanos acabarão apodrecendo todos, nesta cidade insensata. E veremos o ilustre cavalheiro subir os longos degraus com um feixe de lenha, e sua distinta senhora com uma lata de água na cabeça, a cantarolar um samba. Pois tudo já está começando a virar morro.

nistério). Em 1935 é convidado para diretor de Parques e Jardins da Prefeitura do Recife; hesita, aceita, vai, espanta os pernambucanos com seus paletós coloridos, faz cactário na Madalena, o Jardim da Casa Forte, etc., mas em um momento de alucinação anti-comunista é acusado pelo padre Arruda Câmara: seus jardins são "marxistas", tanto que ele usa a cana índica vermelha. Volta ao Rio, volta ao Recife, liga-se a Joaquim Cardoso, volta ao Rio, conhece Le Corbusier, faz os jardins do Ministério, e daí para cá inúmeros outros. Sua obra-prima pensa ser o da casa de Odete Monteiro, em Correias. Faz murais, painéis, padrões de fazendas decorativas, azulejos, viaja pelo interior, traz plantas da floresta para a cidade, inclusive do Acre e do Rio Doce; é apaixonado sobretudo pela mata e pela vegetação de restinga do Espírito Santo. Detesta jogar, adora beber (vinho, conhaque, uísque) é ouvinte fanático de música clássica, também gosta da popular, relê Dostoiévski e Kafk, acha que Rainer Maria Rilke lembra Paul Klee. Brigou com o arquiteto Bolonha e tem ataques de urticária quando o encontra na rua; é engraçadíssimo ao imitar pessoas, especialmente Segall e Moussia Pinto Alves, acha um crime a maneira pela qual as árvores de rua do Rio são podadas e acredita que o general Mendes de Moraes devia ser processado por ter assassinado as árvores do Largo do Machado, pensa que nossa arborização é demasiado escassa e monótona, odeia os ficus recortados, faz arranjos com flores para casamentos, tem um sítio em Jacarepaguá, desenhou cenários para um ballet de Milos, do Quarto Centenário, acha que o néo-realismo, o concretismo e todos os ismos são apenas limitações, e seu maior prazer é andar em uma floresta. Tem renome internacional: vai expôr agora projetos de jardins e painéis ligados à arquitetura em vários museus norte-americanos, trabalha em uma velha casa do Leme com muitos auxiliares e, perguntado sobre as coisas que mais ama na vida, responde: arte, árvores,

R. B.

Dois poemas

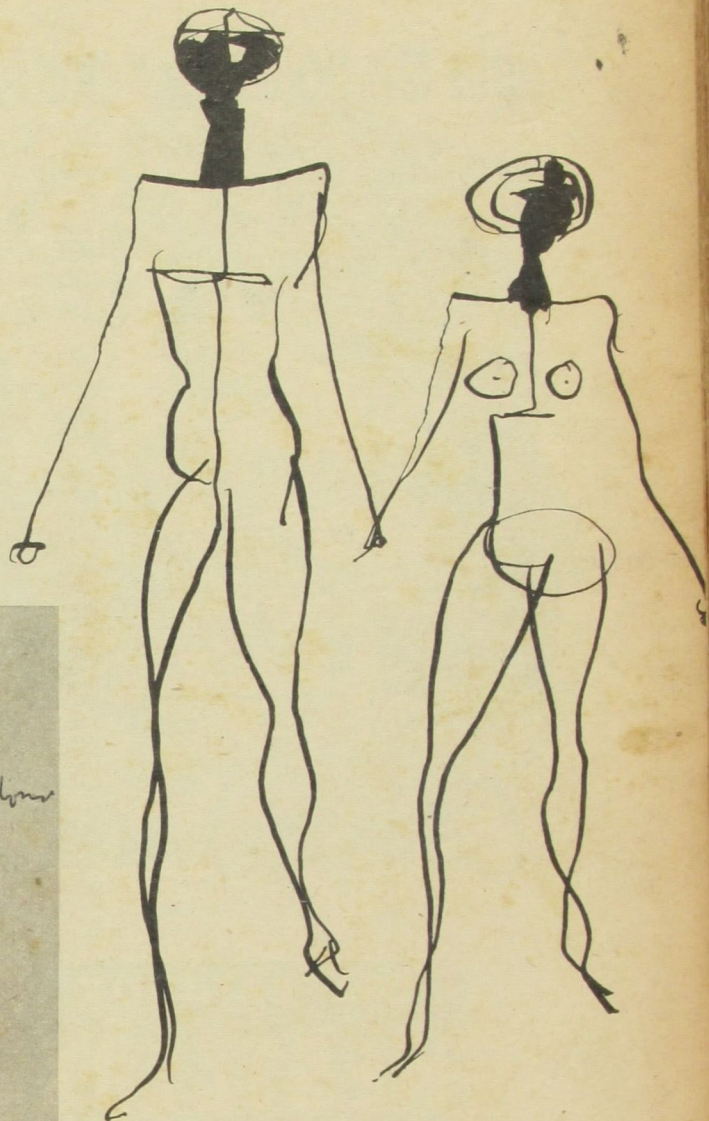
DE EMÍLIO MOURA

ENCANTAMENTO

Emílio Moura

*Caminho, agora, a teu lado.
(Invento tudo que posso
para sonhar acordado).
Mas o mundo não é nosso.*

*Caminho, agora, a teu lado.
Sou rajá, príncipe, rei?
Só sei que sigo a teu lado,
graça que nunca esperei.*



NOIVA

*Caminha para mim como uma colegial em
[férias.
Teu sorriso é tão puro que te ilumina toda.
És mito, mas toco-te;
realidade, te elevo e te transformo em sonho
Por que não me revelas de onde surgiste e
[de que elementos te formaste?*

*Teus cabelos são nuvens?
Tua voz é de orvalho?
Quantas vezes me torturei inutilmente por-
[que ainda estavas irrevelada,
— fonte oculta na mata, ária adormecida,
[estréla entre nuvens...*

*Dormias, Noiva?
Meu apêlo te acorda e eis que sorris, de
[súbito.
E é como se eu nascesse, agora.*

